

PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS: NOVOS OLHARES TELEVISIVOS

PROCESSES AND EVENTS BEHAVIOR: NEW LOOKS FROM TELEVISION

Mauricio Barth¹

RESUMO

Produzido dentro da lógica comercial da televisão e do merchandising editorial, a série Os Simpsons tornou-se um dos maiores sucessos artísticos e comerciais da TV dos últimos 20 anos. Este trabalho tem por finalidade apresentar ao leitor as figuras centrais do seriado. Serão levantadas as características comportamentais do núcleo principal, dando igualitória evidência a todos os personagens apresentados. Para a elaboração da presente pesquisa, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, a qual abrangeu a leitura, a análise e a interpretação de livros, periódicos e sites. Ao fim do estudo, percebeu-se que o programa adiciona um importante elemento satírico à televisão, uma vez que é raro encontrar uma série de desenhos animados onde os personagens verbalizam suas opiniões sobre governo, controle de armas, educação, globalização, política, industrialização, entre outros assuntos. Em Os Simpsons, os produtores e roteiristas conseguiram criar centenas de episódios poderosos e perceptivos e a quantidade de energia e dedicação que entra na produção, combinada ao enorme talento do elenco, fez dessa uma das maiores e mais queridas séries de televisão de todos os tempos.

Palavras-chave: Os Simpsons. Televisão. Comunicação.

ABSTRACT

Produced in the business logic of television and merchandising editorial, The Simpsons TV series has become one of the most successful artistic and commercial TV in the last 20 years. This paper aims to show the reader the central figures in the series. Shall terminate the behavioral characteristics of the core group, with equal evidence for all the characters presented. For the preparation of this work, the methodology used was literature, which included the reading, analysis and interpretation of books, journals and websites. At the end of the study, it was felt that the program adds an important element satirical television, since it is rare to find a cartoon series where the characters verbalize their opinions about government, gun control, education, globalization, politics, industrialization among other issues. In The Simpsons, the producers and writers were able to create hundreds of episodes powerful and perceptive and the amount of energy and dedication that goes into production, combined with enormous talent of the cast made this one of the largest and most beloved television series of all time.

Keywords: The Simpsons. Television. Communication.

¹ Especialista em Gestão Estratégica de Marketing – Ênfase em Administração de Vendas (Universidade Feevale); bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda (Universidade Feevale); e-mail: mauricio@feevale.br.

INTRODUÇÃO

Produzido dentro da coerência comercial da televisão e do merchandising editorial, a série Os Simpsons tornou-se um dos grandes êxitos artísticos e comerciais da TV dos últimos 20 anos. A riqueza “simpsoniana” é tão extensa que, caso decidíssemos catalogar os exemplos de seu impacto cultural, precisaríamos necessariamente de mais páginas do que possui uma lista telefônica. A série vai além do convencional e cria um universo com regras particulares, baseado em um exagero do mundo real, mas criado com tal consistência e complexidade que influi decisivamente na realidade na qual se inspira, ou seja, a sociedade contemporânea.

Este trabalho tem por finalidade apresentar ao leitor as figuras centrais da série. Serão levantadas as características comportamentais do núcleo principal, dando igualitória evidência a todos os personagens apresentados.

Para a elaboração do presente trabalho, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, a qual abrangeu a leitura, a análise e a interpretação de livros, periódicos e sites. Todo material recolhido foi submetido a uma triagem, a partir da qual estabeleceu-se um plano de leitura atento e sistemático, acompanhado de anotações e fichamentos que serviram à fundamentação teórica do estudo. A escolha deste método possibilitou conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema.

A seguir, apresenta-se a análise realizada.

1 ASPECTOS GERAIS DO SERIADO

“Suas autoridades morais nem sempre têm em mente seus melhores interesses”.

Matt Groening

“Onde há poder, há resistência”.

Michel Foucault²

“O que eu não daria para poder conversar com Orfeu, Museu, Hesíodo e Homer(o)?”.

Sócrates³

Os Simpsons é uma série de desenhos animados criados para a televisão onde retrata-se a vivência diária de uma família estadunidense. A série foi idealizada por Matthew Abram

² Filósofo e professor da Cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, entre 1970 e 1984.

³ Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental e um dos fundadores da atual Filosofia Ocidental.

Groening (ou simplesmente Matt Groening) no fim da década de 1980, quando ele produzia tiras em quadrinhos sob o título de *Life in Hell*, as quais eram publicadas em diversos jornais da América do Norte. James L. Brooks, fã das histórias, teve a ideia de levar o trabalho de Groening para o programa de TV *The Tracey Ullman Show*. Matt aceitou o convite mas, enquanto esperava Brooks para uma reunião decisiva, desistiu de apresentar a versão animada de *Life in Hell*. Groening queria voos mais altos: em alguns minutos criou as personagens de *Os Simpsons* e, em 17 de dezembro de 1989, estreava na TV americana o mais novo representante da cultura pop.

O tempo passou e, com a renovação de uma nova temporada já anunciada, *Os Simpsons* ultrapassaram *Gunsmoke*⁴ como o seriado em exibição há mais tempo no horário nobre da televisão norte-americana. *Os Simpsons* já detém o título de animação há mais tempo no ar no horário nobre da televisão dos EUA e, também, é o programa com mais participações especiais da história segundo o *Guinness Book Of World Records*. Além disso, a “família amarela” conta com um filme em longa metragem criado especialmente para celebrar seus 20 anos e diversos outros produtos, entre eles jogos eletrônicos e livros.

Tendo a sátira como essência, o seriado critica a sociedade dos EUA como um todo. Tem como alvos principais a classe média e a mediocridade americana. Inclusive, o nome da cidade em que se passa o desenho – Springfield –, foi escolhido por ser um nome comum de cidades ianques. Como todo estado tem a sua, a crítica ao modo de vida americano torna-se ainda mais abrangente. Os elementos satíricos feitos pela série são tão fortes que nem mesmo o canal FOX, principal veiculador do programa, escapa das suas chacotas.

Os Simpsons é centrado na família suburbana Simpson, constituída pelo inspetor de segurança da Usina Nuclear Homer, a dona-de-casa estereotipada Marge e os filhos Bart, Lisa e Maggie. Para batizar estes personagens, Matt Groening usou os nomes de membros da sua família: Homer é o nome de seu pai e Marge tem o mesmo nome de sua mãe, suas irmãs chamam-se Lisa e Maggie, e Bart é um trocadilho de *brat*, que em inglês significa “pirralho, fedelho”. Em uma entrevista, Groening confessou que se inspirou em “Dennis, o Pimentinha”⁵ para criar Bart Simpson pois, para o criador de *Os Simpsons*, Dennis impressiona por que, ao invés de ser uma “pimenta”, é um pouco “boboca”. Assim, pensando em não cometer o mesmo erro, ele criou Bart. Em princípio, a ideia era batizar o personagem com o nome de Matt, porém, isto seria muito óbvio e evidente, logo, a preferência foi por Bart

⁴ Seriado de faroeste, *Gunsmoke* teve 20 temporadas exibidas entre 1955 e 1975 pelo canal norte-americano CBS.

⁵ Desenho animado norte-americano produzido na década de 1980.

Simpson. Ainda, na série, há um grande número de coadjuvantes, com personagens secundários, terciários e até quaternários, incluindo colegas de trabalho e escola, professores, policiais e *barmans*.

A produção de um episódio chega a contar com uma orquestra de 35 instrumentos e um compositor próprio. São dezesseis roteiristas, dois comediantes, alguns redatores de piadas, roteiristas de seriados, um redator publicitário e até um ex-bioquímico. Depois de prontos, os textos do episódio são avaliados pela equipe e, se tudo estiver correto, os dubladores entram em ação e começam a gravar as vozes dos personagens. Com o roteiro concluído e as vozes gravadas, um exército de animadores e criadores de storyboard⁶ começa a trabalhar.

O próximo passo é juntar todo o material que foi feito e enviar para a Coreia. Lá são feitas a animação final, a pintura e a câmera, porém, depois, todo o material retorna para os Estados Unidos. Esse processo leva de sete a oito semanas. O último estágio da produção é incluir os efeitos sonoros, músicas e vozes que já foram gravadas anteriormente. Todos os procedimentos, desde o início, com o roteiro até a finalização, demoram de cinco a sete meses.

Parte do trabalho é feito na Coreia, pois é mais barato utilizar artistas do sudeste asiático. No episódio “Comichão e Cocadinha, o filme”, da 4ª temporada, uma cena mostra vários desenhistas coreanos trabalhando sob a mira de rifles. Os artistas são forçados a trabalhar sob ameaça das armas para concluir o longa-metragem de Comichão e Cocadinha. Uma clara referência à produção de Os Simpsons e uma brincadeira com a exploração do trabalho dos artistas asiáticos.

2 ANÁLISE DOS PERSONAGENS

2.1 HOMER SIMPSON

“Lembre-se: Se algo der errado na usina, culpe o cara que não sabe falar inglês!”.⁷

“Quando eu vou aprender? As respostas para os problemas da vida não estão em uma garrafa de cerveja... Estão na televisão!”.⁸

⁶ Cenas e desenhos individuais, como uma grande história em quadrinhos. Cada desenho corresponde a uma parte do roteiro, diálogo ou ação. O *storyboard* informa as montagens, atuações e edições que deverão ser feitas.

⁷ Cf. episódio “Marge Arranja um Emprego” (4ª temporada).

⁸ Cf. episódio “Problemas em casa” (1ª temporada).

“Por que as coisas que acontecem com gente idiota sempre acontecem comigo?”.⁹

Halwani (2007) afirma que, se avaliado moralmente, Homer Simpson não passa no teste. Isso se nota particularmente quando nos concentramos em seu caráter, em vez de seus atos (embora ele não brilhe muito também na segunda categoria). Mas, de alguma forma, existe algo admirável a respeito de Homer.

Homer não é uma pessoa “maligna”. Embora não seja um paradigma da virtude, também não é mau. Antinora (2009) assegura que a reação mais dura que podemos ter com ele é a de pena. Segundo a autora, temos motivos para isso, pois a formação de Homer deixa muito a desejar. Ele cresceu em Springfield, uma cidade onde os habitantes – com a rara exceção de Lisa – tem graves defeitos de caráter, indo da incompetência à falta de noção do mundo, da estupidez à maldade.



Figura 1 – Homer: repleto de qualidades e defeitos
Fonte: Simpson Crazy (2010)

Halwani (2007) nos garante que, embora ele não seja virtuoso, Homer geralmente não é uma pessoa maldosa. É egoísta, guloso, ganancioso e, às vezes, burro, mas raramente tem inveja dos outros ou lhes deseja algo ruim. Seguidamente, ele costuma agir com intenção deliberada de prejudicar as pessoas, porém, essas pessoas, de certa forma, não merecem um tratamento melhor (ISHERWOOD, 2005). Por exemplo, a repulsa que Homer tem de Selma e Patty¹⁰ parece ser apropriada, se levarmos em conta o jeito como elas o tratam e a atitude desdenhosa delas para com ele. Homer também não gosta (embora sinta medo) do Sr. Burns¹¹.

⁹ Cf. episódio “Pare, Senão o Meu Cachorro Atira!” (18ª temporada).

¹⁰ Irmãs gêmeas e cunhadas de Homer.

¹¹ Charles Montgomery Burns é o homem mais rico de *Springfield* e dono da Usina Nuclear onde Homer trabalha.

Segundo Isherwood (2005), o Sr. Burns é o paradigma do capitalista ganancioso, mau e cruel, disposto a andar por cima do cadáver de qualquer um para alcançar seus objetivos. Por fim, Homer trata Ned Flanders¹² de maneira indecente, indo da indiferença ao desprezo. Este, por sua vez, é um sujeito prepotente, arrogante e, ao mesmo tempo, ingênuo. Obviamente, isso não justifica o jeito como Homer o trata, mas ajuda a entender. Se lembrarmos dessas exceções, veremos que Homer não é um indivíduo mau e não trata as pessoas com maldade. Esse é outro motivo por que, apesar da falta de caráter ético, Homer não provoca uma reação negativa em nós.

2.2 MARGE SIMPSON

“Sinto uma grandeza em minha família também – não é uma grandeza que os outros possam ver, mas esta lá. E se não estiver, figuramos pelo menos na média”.¹³

Segundo Keslowitz (2007), na sociedade contemporânea, a mãe geralmente assume maior responsabilidade em cuidar da família. E, no lar dos Simpsons, Marge assume este papel e mantém unida sua família. O papel decisivo de Marge como zeladora da família Simpson ficou evidente no episódio “Pequena grande mãe”, no qual Marge quebra a perna e tem de ir para o hospital. Neste episódio, Marge pede a Lisa para cuidar das necessidades de Homer, Bart e Maggie. É claro que Lisa encontra problemas (Bart e Homer decidem brincar de Marco Pólo em casa e inundam a cozinha inteira). Além disso, nem Bart, nem Homer se mostram ansiosos para cumprir as tarefas domésticas que Lisa lhes designa. Conforme o autor, mesmo que Homer e Bart tenham mais liberdade no reinado de Lisa como responsável, sem dúvida teriam acolhido bem as orientações e ordens de Marge. No episódio, fica evidente que Bart e Homer não conseguem cuidar de si mesmos.

Keslowitz (2007) argumenta que Lisa é mais inteligente que Marge, mas por ser uma garotinha não possui os instintos maternos e a experiência da mãe. O papel de Marge é importante, pois ela assegura que tudo corra tranquilamente dentro de casa. Os exemplos desse episódio em particular funcionam como prova de sua importância nos afazeres cotidianos da família Simpson.

¹² Vizinho da família Simpson, Ned Flanders é, assim como toda sua família, um devoto religioso. Muito preocupado com seus filhos, Ned impede que eles assistam certos programas da televisão e comam doces com açúcar. Também é conhecido pelas suas expressões malucas, sempre no diminutivo. Homer Simpson realmente odeia Ned Flanders (embora tenham se tornado amigos em alguns episódios) e já disse que Flanders é mais puro até mesmo do que Jesus. Seu nome foi inspirado em Flanders St., em Portland, no estado norte-americano de Oregon (Matt Groening nasceu no estado de Oregon).

¹³ Cf. episódio “Problemas em casa” (1ª temporada).

Portanto, faz-se fundamental levar tal episódio em consideração quando definimos o papel de Marge. Sua importância só é inteiramente percebida quando ela vai para o hospital. Na sociedade moderna, a situação apresentada nesse programa é similar àquelas que surgem quando um membro da família deixa a casa por longo período. Assim como outras mães contemporâneas, Marge é tida como presença certa. Trabalha incansavelmente para prestar serviços específicos a cada membro da família, mas seu esforço na verdade não é reconhecido até ir embora. É quando ela se ausenta que a família (especialmente Lisa) começa a reconhecer seu valor para o bem-estar de todos.



Figura 2 – Marge: sempre fiel e leal aos Simpsons
Fonte: Simpson Crazy (2010)

No entanto, para Graham (1997), essa não é uma tarefa fácil: Homer não se veste sozinho, o endiabrado Bart é obcecado por causar destruição, a precoce Lisa está sempre questionando tudo, cultivando um objetivo distante. E, mesmo com tudo isso, Marge atua como a força moral que mantém os membros da família sob controle. Para o autor, sem Marge, a família Simpson simplesmente não existiria. É verdade que Marge não é mais a feminista que costumava ser no colegial (ela apoiou a queima de sutiãs), mas é ela quem lidera uma nova luta: o direito de não trabalhar fora de casa. Keslowitz (2007) garante que Marge é inquestionavelmente a melhor coisa que aconteceu aos Simpsons. E, talvez, ser um membro da família Simpson seja a melhor coisa que aconteceu a Marge.

2.3 LISA SIMPSON

“Pai, à medida que a curva da inteligência sobe,
a da felicidade geralmente desce”.¹⁴

“De agora em diante, vou me manifestar contra os males
da sociedade - dos seqüestros de cachorros a cigarros”.¹⁵

“Acredite em si mesma e você pode alcançar qualquer coisa”.¹⁶

Skoble (2007) considera justo dizer que a sociedade americana vive em conflito quanto aos intelectuais. O respeito por eles parece andar de mãos dadas com o ressentimento. Esse é um problema intrigante e também de grande importância, pois parece que estamos à beira de uma nova “idade das trevas”, onde não só a noção da especialidade, mas de todos os padrões de racionalidade estão sendo desafiados. Os efeitos sociais são claramente significativos. Continuando, o autor nos diz que, como um veículo de exploração desse tema, pode ser surpreendente escolher um programa de televisão que, à primeira vista, parece dedicado à ideia de quanto mais idiota melhor; mas, na verdade, dentre as muitas coisas que *Os Simpsons* habilmente ilustra sobre a sociedade, a ambivalência americana quanto ao conhecimento especializado e a racionalidade é, sem dúvida, uma delas.

Na série, Homer é o clássico exemplo de um “bobão” antiintelectual, assim como a maioria de seus conhecidos e seu filho. Entretanto, sua filha, Lisa, não só é pró-intelectual, mas tem uma inteligência superior à sua idade. Ela é inteligente, sofisticada e, seguidamente, mais esperta que todos à sua volta. Obviamente, as outras crianças caçoam dela na escola e os adultos a ignoram. Por outro lado, seu programa de tevê favorito é o mesmo do irmão: um desenho animado violento e inconsequente¹⁷. A preferência dela pelo programa, de certa forma, retrata o relacionamento de amor e ódio da sociedade americana com os intelectuais.

Para Skoble (2007), o antiintelectualismo americano, portanto, é penetrante, mas não abrange tudo e todos. Assim como muitos outros aspectos da sociedade moderna, *Os Simpsons* usa frequentemente esse tema como alimento para a sua sátira. Na família Simpson, só Lisa poderia ser descrita como intelectual, mas essa descrição não é plenamente satisfatória. Contrastando com seu pai, absurdamente ignorante, ela sempre tem a resposta certa para um problema ou uma análise mais perceptiva de uma situação. Por exemplo,

¹⁴ Cf. episódio “É o Homer!” (12ª temporada).

¹⁵ Cf. episódio “Lisa, a rainha da beleza” (4ª temporada).

¹⁶ Cf. episódio “Lisa e a boneca falante” (5ª temporada).

¹⁷ Referência á *Comichão e Cocadinha*, uma série de desenhos animados dentro de *Os Simpsons*. No desenho, está sempre presente o humor negro, a violência e um estilo diferente de gato e rato, como “Tom & Jerry”. Porém, o rato caça o gato, matando-o de diversas maneiras horrendas, mas que as crianças que assistem acham hilariantes.

quando expõe a corrupção política¹⁸ ou quando desiste do sonho de ter um pônei para que Homer não precise trabalhar em três empregos¹⁹.

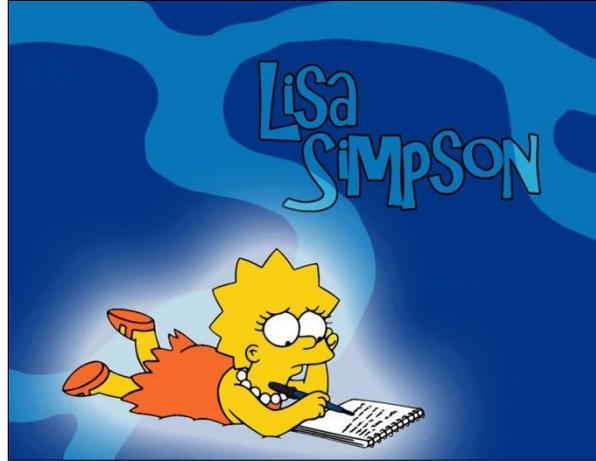


Figura 3 – Lisa: intelectualizada, talentosa e racional
Fonte: Simpson Crazy (2010)

Dessa maneira, Gates (2004) diz que não é uma surpresa que Os Simpsons, um programa de televisão profundamente satírico, ilustre e exemplifique isso. A ambivalência na sociedade americana com relação aos intelectuais (se for, de fato, um fenômeno psicológico com raízes profundas) provavelmente não desaparecerá logo. Contudo, ninguém melhora de status ou situação incentivando ou promovendo o antiintelectualismo. O autor nos diz que aqueles que anseiam salvar a república da tirania do professor Frink e do Cara dos Quadrinhos precisam encontrar meios de argumentar contra essa tirania de uma maneira que não desencadeie um ataque em massa contra o ideal do desenvolvimento intelectual. Aqueles que defendem o homem comum não devem fazer isso de uma forma que diminua as conquistas dos mais instruídos. Essa abordagem seria um apoio ao direito de Homer de viver como indivíduo estúpido, criticando Lisa por ser inteligente. Isto, sobre todos os olhares, não é uma ideia sensata para o desenvolvimento da nação nem do indivíduo.

2.4 BART SIMPSON

“Eu não fiz isso. Ninguém me viu fazer isso.
 Você não pode provar nada”.²⁰

“Nem mesmo eu faria aquilo, e olha
 que sou o bad boy da América”.²¹

¹⁸ Cf. episódio “A verdade sempre triunfa” (3ª temporada).

¹⁹ Cf. episódio “Um cavalo para Lisa” (3ª temporada).

²⁰ Cf. episódio “Bart, o gênio” (1ª temporada).

“Ah, por favor. Isso é apenas destruição irracional, sem nenhum dos meus habituais comentários sociais”.²²

Ele cortou a cabeça da estátua de Jedediah Springfield, queimou a árvore de Natal da família, roubou um videogame de uma loja, colocou num teste de QI e acabou entrando numa escola para gênios, enganou a cidade inteira, fazendo todos pensarem que havia um garoto preso em um poço. Para Conard (2007), Bart Simpson não é o tipo de “pestinha” adorável que vive em meio às confusões, nem tão pouco um rebelde com um coração de ouro. É, isto sim, um *bad boy* em calças azuis.

David (2008) nos pronuncia que a tendência é que pensemos que Lisa, sua irmã, é mais admirável que Bart. Provavelmente, ela tem mais características para ser considerada a virtuosa da família, já que é brilhante, talentosa, lógica, racional e sensível. Além disso, tem princípios: combate a injustiça quando a vê, é vegetariana porque acredita nos direitos dos animais, enfrenta o ganancioso Sr. Burns, tem amor e compaixão por sua família e seus amigos e por todos os menos afortunados.

Contudo, Conard (2007) argumenta que as coisas nem sempre são aquilo que parecem. Para comprovar tal teoria, estabelece uma relação entre Bart e outro *bad boy* – um menino mau presente na Filosofia. Seu nome era Friedrich Nietzsche e, filosoficamente, era mau de verdade, pois desprezava a autoridade, sendo uma espécie de destruidor. Aparentemente, detestava todos os ideais que a maioria das pessoas ama e quer seguir. E, mais ainda, os derrubava por terra, mostrando astutamente como eles eram ligados a coisas que as mesmas pessoas odeiam. Entretanto, embora Nietzsche rejeitasse o ideal tradicional da pessoa solidária, religiosamente virtuosa, ele próprio tinha o seu ideal: o espírito livre; a pessoa que rejeita a moralidade tradicional, as virtudes tradicionais; a pessoa que abraça o caos do mundo e dá estilo ao caráter.

David (2008) argumenta que Bart percebe que sua vida é caótica e que ele é um alguém confuso, que precisa de forma. E, realmente, parecem haver demonstrações coerentes de estilo em seu caráter, mas a maneira como ele define a si próprio é em grande parte reativa, e isso, claro, é algo que Nietzsche jamais aceitaria. Para o autor, Bart se define e forja sua identidade, não como algum tipo de afirmação triunfante de seus talentos e habilidades, não como uma miscelânea de elementos díspares, mas sim como alguém em oposição à autoridade.

²¹ Cf. episódio “O craque é Bart” (9ª temporada).

²² Cf. episódio “A Namoradilha de Bart” (6ª temporada).



Figura 4 – A vingança de Bart
Fonte: Simpson Crazy (2010)

Afirma Conard (2007) que, tristemente, no fim das contas Bart talvez apenas seja parte da decadência e do niilismo que permeia nossa era. E, nesse sentido, podemos vê-lo como um tipo de exemplo precavido: era disso que Nietzsche tentava nos alertar. Para o autor, embora Bart não seja nosso herói “nietzschiano” e possa ser um exemplo de declínio niilista, Os Simpsons pode ser muito mais do que isso. Nossas vidas e nosso mundo não são menos caóticos e absurdos do que eram para os antigos gregos pois, como diz Nietzsche, a comédia deles era um necessário “desabafo artístico da náusea e do absurdo”. Já Conard (2007) nos assegura que talvez Os Simpsons possa nos servir nessa função também: como sátira social, pois o programa frequentemente atinge um incrível brilhantismo; costuma ser excelente, no melhor sentido grego da palavra. E, geralmente, alcança essa excelência juntando os elementos díspares de nossas caóticas vidas, dando-lhes forma e estilo e forjando-os em algo significativo e, às vezes, até belo. Mesmo que seja apenas um desenho animado.

2.5 MAGGIE SIMPSON

“Aqueles que sabem, não falam.
 Aqueles que falam, não sabem”.²³

“Sabe, Maggie, quanto mais cedo os filhos falam, mais cedo respondem aos pais. Espero que você nunca diga uma palavra”.²⁴

Para Bronson (2007), Maggie não fala, mas, diferente do Flaubert²⁵ de Sartre²⁶, ela parece exibir pelo menos um processo rudimentar de pensamento. Isto por que ela ajuda Bart

²³ Frase retirada da obra “Tao Te Ching” (comumente traduzida pelo nome de “O Livro do Caminho e da sua Virtude”), um dos antigos escritos mais conhecidos e importantes da China.

²⁴ Homer, no episódio “A primeira palavra de Lisa” (4ª temporada).

e Lisa a vencer a babá criminosa em “Numa Noite Encantada” e, novamente, os resgata do perigo quando o monstruoso Willie vem em busca de vingança em um dos especiais tétricos de Halloween²⁷. Ela até mostra lampejos de gênio quando casualmente toca a “A dança das Fadas”, de Tchaikovsky, em seu xilofone de brinquedo²⁸. No entanto, o que realmente se passa na mente dela é um mistério para os telespectadores.

No episódio “Quem matou o Sr. Burns? - Parte Dois”, o chefe Wiggum assegura aos moradores de Springfield que nenhum júri acusará Maggie de baleiar o Sr. Burns (exceto no Estado do Texas), porque ela é muito jovem. Ela é, também, nova demais para se livrar de todos os apegos terrenos. No entanto, os moradores de Springfield aprenderam uma lição importante. De acordo com Bronson (2007), uma criança sem palavras não é necessariamente incapaz de cometer um ato grave. Se por um lado Maggie quase matou o Sr. Burns, ela superou-se em várias outras ocasiões, sem o empecilho da fala. Às vezes, o silêncio é um sinal de pensamento complexo e profunda intuição (embora, provavelmente, este não é o caso de Maggie). Para o autor, se todos o praticássemos com mais regularidade, poderíamos viver um pouco melhor, e certamente “passaríamos menos tardes na escola em detenção, escrevendo na lousa ou sentados na sala do diretor Skinner”.



Figura 5 – Maggie e a acusação
Fonte: Simpson Crazy (2010)

No episódio “O casamento de Lisa”, Lisa vê seu futuro com o auxílio de uma vidente. Ela finalmente vai se casar com o homem de seus sonhos e, na cerimônia, Maggie, já adolescente e dona de uma linda voz, vai cantar. Quando chega o grande momento, porém,

²⁵ Gustave Flaubert, escritor francês, reconhecido como o mestre do Realismo.

²⁶ Jean-Paul Charles Aymard Sartre, filósofo existencialista francês do início do século XX. De 1960 até 1971 a atenção de Sartre concentrou-se no preparo de um estudo em quatro volumes sobre Gustave Flaubert.

²⁷ Cf. episódio “Casa dos horrores VI” (7ª temporada).

²⁸ Cf. episódio “Um bonde chamado Marge” (4ª temporada).

Lisa cancela o casamento e Maggie, simbolicamente, fecha a boca. Novamente, o tumulto familiar abafa sua voz. Bronson (2007) afirma que, em um mundo sobrecarregado de burocracia e informações, nós também corremos o risco de ter nossas vozes abafadas. No mundo contemporâneo, o grande desafio é descobrir como respeitar criticamente os projetos dos outros de uma maneira que todas as vozes possam ser ouvidas. Mais do que tolerantes, devemos ser atenciosos. Do contrário, mais pessoas como Maggie se sentirão fora da sociedade e recorrerão a meios mais destrutivos de comunicação. E, no mundo real, nem sempre levantamos com tanta rapidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seriado Os Simpsons, um dos grandes exemplos da evolução da Cultura Pop, é aclamado como um ícone contemporâneo. É perceptível que o mundo venera o seriado e abraça o programa como um fenômeno cultural e global. Os produtores e roteiristas conseguiram criar centenas de episódios poderosos e perceptivos e a quantidade de energia e dedicação que entra na produção de cada episódio, combinada ao enorme talento do elenco, fez de Os Simpsons uma das maiores e mais queridas séries de televisão de todos os tempos.

Por fim, encerra-se este trabalho salientando que o programa adiciona um importante elemento satírico à televisão, uma vez que é raro encontrar uma série de desenho animado na qual os personagens verbalizam suas opiniões sobre governo, controle de armas, educação, globalização, política, industrialização, entre outros assuntos. E, desde que este programa explodiu na sociedade americana, a sátira em si se tornou um modo de viver estadunidense. Qualquer evento importante que ocorra (excluindo atividades terroristas e assassinatos em massa) é imediatamente ridicularizado por programas de televisão e comediantes noturnos.

REFERÊNCIAS

AEON, J. Skoble. Lisa e o antiintelectualismo americano. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

ANTINORA, Sarah. Homer Simpson Goes to Washington: American Politics through Popular Culture. **Journal of Popular Culture**, Bowling Green, Vol. 42, Num. 6, Dec 2009.

BRONSON, Eric. A importância de Maggie: sons do silêncio. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

CONARD, Mark T. Assim falava Bart: Nietzsche e as virtudes de ser mau. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

DAVID, Matthew. You Think Bart Simpson is Real. I Know He's Only an Actor! **Current Sociology**, London, Vol. 56, Num. 4, Jul 2008.

ERION, Gerald; ZECCARDI, Joseph. A motivação moral de Marge. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

GATES, Anita. Lisa Simpson's Voice Steps Out on Her Own. **New York Times**, New York, Mar 17, 2004.

GRAHAM, Jefferson. Marge Simpson puts 'Jeopardy' to the test. **Usa Today**, McLean, Va., Dec 3, 1997.

HALWANI, Raja. Homer e Aristóteles. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

IRWIN, Willian; LOMBARDO, J. R. Os Simpsons e a alusão: o pior ensaio já escrito. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

ISHERWOOD, Charles. Before Homer Simpson, There Was Commedia dell'Arte. **New York Times**, New York, Jul 22, 2005.

KESLOWITZ, Steven. **A sabedoria dos Simpsons**. São Paulo, SP: Prestigio, 2007. 340 p.

SIMPSON CRAZY. **Wallpapers**. Disponível em:
<<http://www.simpsoncrazy.com/wallpapers4.php>>. Acesso em: 11 mar. 2010.

SKOBLE, Aeon J. Lisa e o antiintelectualismo americano. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.